

GAZETA MERCANTIL Para salvar o Brasil, investir em educação

16 FEV 1989
Carlos Daniel Coradi (*)

Não o a gente mais observar a deterioração das coisas básicas do nosso país, tais como educação, saúde, segurança, saneamento básico, habitação.



Quando eu era garoto, na década de 40, os ginásios estaduais eram estabelecimentos limpos, dirigidos seriamente, os alunos iam para a escola todos uniformizados. Não havia greves, nem de professores, nem dos alunos. Não ocorriam assaltos, seqüestro; andava-se nas ruas dos bairros de São Paulo com toda tranqüilidade; os postos de saúde eram limpos, pintados, os médicos e enfermeiros eram atenciosos

e o serviço público era de qualidade.

E agora? Experimente o leitor entrar em um pronto-socorro de algum hospital público de São Paulo: doentes, velhos, crianças, atropelados, baleados, aguardando para serem atendidos, não raras vezes sem o conseguir. Por quê?, pergunto eu.

Creio que a atual falta de segurança das grandes cidades brasileiras espelha a deterioração de que falo. Todo leitor conhece vários casos de assalto, roubos a pessoa física, violências. Polícia? Para quê? Em todos os casos, para nada. Não há o que fazer. E recorrer a ela é não só inútil mas também extremamente desagradável.

Precisávamos, nós brasileiros, dar uma meia-volta neste quadro que só vejo se agravar.

O professor Hélio Jagua-

ribe tem escrito: ser possível erradicar a miséria do País até o ano 2000. Faltam apenas onze anos para a virada do século, e o Brasil "patina", não cresce, as variáveis sociais indicam um claro agravamento dos parâmetros da qualidade de vida.

Será que, como diz o PT, a culpa é da dívida externa? Será que, teoricamente, dado o calote nos credores, o País voltaria a florescer? Honestamente, não creio.

Ou será que sermos pobres, subdesenvolvidos, é algo maior, uma característica de antropologia cultural, digamos, hereditária, da qual, tal como nossas feições ou nossas características físicas, não vamos conseguir nos livrar, vaticinados pelo destino de latino-americanos?

Existe um interessante livro, de 1986, denominado

"Uma nova fase do crescimento para a América Latina", publicado por três instituições: El Colegio del Mexico, Fundação Getúlio Vargas e Institute for International Economics (dos Estados Unidos). O livro analisa o que chama de "ética confuciana" e a "herança espanhola", rejeitando esta última como causa de nosso subdesenvolvimento, mostrando que não existem razões factuais para que não possam voltar a crescer, senão as de orientação global de nossa política econômica.

Vejam o seguinte: em 1960 a Coréia do Sul tinha 27% de sua população da faixa etária correspondente matriculada nas escolas secundárias; Cingapura, 32%; Formosa, 30%; o Japão, 74%. O Brasil, modestos 11%! Estatísticas do livro citado.

Ele mesmo dá outro qua-

dro, ligado ao produto interno bruto per capita, em dólares de 1955. Em 1960, há apenas 29 anos, a Coréia do Sul estava com US\$ 631; Cingapura, US\$ 1.054; Formosa, US\$ 733; o Japão tinha US\$ 1.674. E o Brasil, US\$ 912. Não muito atrás do líder oriental.

Qual a situação de hoje? Embora os dados sejam de 1985, são ilustrativos:

Coréia, US\$ 2.648; Cingapura, US\$ 5.001; Formosa, US\$ 3.160; e o Japão, disparando para US\$ 7.130. E o Brasil? Parando, quase com US\$ 2.072.

Em resumo, os tigres asiáticos investiram fortemente em educação. Causa, efeito? Não sei. Veja o leitor por si mesmo e tire suas conclusões.

(*) Engenheiro, mestre em administração de empresas e diretor do Idort e das empresas Schahin Cury.